



José Cardoso Pires

## CASAS PARDAS

**N**aquele fim de tarde, tinha acabado de sair de uma conferência sobre alcoologia, onde se falou de literatura, quando dei comigo à mesa dum bar em hora de revisão.

Vinha de ouvir especialistas da medicina que apontavam alguns casos literários como ilustrações dum problema colectivo e eu, com dois ou três golos de “scotch”, pus-me a perguntar por que razão é que os cientistas deste tema abordam muito mais os escritores marcados pelo álcool do que as figuras dos alcoolizados que a literatura nos deixou.

**Decididamente, os historiadores do alcoolismo preferem a tragédia dos escritores à tragédia dos personagens. De Hemingway ou de Norman Mailer vão mesmo até ao Pessoa, o Pessoa que bebia só com ele e que nunca falou disso por escrito.**

No catálogo dos autores biografados, Edgar Poe ocupa um lugar obrigatório em capítulo de “delirium tremens”, com um corvo à cabeceira; e no entanto, não há na obra dele nenhum herói do alcoolismo à medida da desgraça que o matou. Também Hemingway é uma citação de honra nesta matéria e, curiosamente, em tudo o que escreveu o vinho é apenas festa pagã e não tragédia de primeira grandeza. Vem depois Faulkner; e Faulkner, apesar de grande bebedor e patriarca das letras, não deixou uma personagem maior no cadastro dos amaldiçoados pela bebida. E mais, outros mais.

Não. Decididamente, os historiadores do

alcoolismo preferem a tragédia dos escritores à tragédia dos personagens. De Hemingway ou de Norman Mailer vão mesmo até ao Pessoa, o Pessoa que bebia só com ele e que nunca falou disso por escrito; mas não apontam, por exemplo, o assombroso herói de “Under de Volcano” que Malcolm Lowry, cavalheiro regrado e romancista de génio, nos deixou como um dos intérpretes mais poderosos da tragédia do alcoolismo. Nem referem os desajustados furiosos de Nelson Algren. Nem a “Gata em Telhado de Zinco” do puritano Tennessee Williams ou os generais malditos de Garcia Márquez que, toldados por aguardentes delirantes, semearam o terror pelo império de Macondo.

É então que me ocorre o romance “Casas Pardas”, de Maria Velho da Costa. E desde logo vejo sair dessas páginas a figura de Mary como um exemplo mais rico e mais complexo do que muitas biografias dos escritores com que os cientistas ilustram a paisagem do alcoolismo.

Está tudo em causa nessa heroína em agonia. Ruptura familiar, síndromas culturais, alienação do sexo, dessacralização materna — as faces duma sociedade em ruptura denunciada pelo mesmo “whisky” que eu agora bebo, aqui em fim de tarde. Entre o copo e a claridade, Mary, a Bloody Mary das “Casas Pardas”, debate-se no mundo dourado duma burguesia lisboeta a dois passos da Revolução de Abril e, na sua solidão, distancia-se dos valores, das máscaras e das corrupções comprometidas que fazem o equilíbrio daquela ilha à deriva. O álcool tem destes milagres inesperados: rasga as máscaras num exercício de lucidez. “Minha querida, dearest,” diz Mary diante do espelho. “Perdeste para sempre a unidade do

teu espírito. Desdobraste-te em imagens de ti mesma.”

Sim, é isso. É por essas imagens em conflito inventado que “Casas Pardas” representa uma extraordinária contribuição para a análise social da alcoologia.

Insisto: as imagens da ficção ultrapassam quase sempre a realidade ao vivo, mesmo quando não partem duma experiência pessoal. Lembro-me de, aqui há anos, ter visto um dos romancistas que mais admiro, Graham Greene, fazer a sua aparição aos bordos de embriagado na inauguração oficial da Bienal de São Paulo. A televisão caiu-lhe em cima, como se calcula, mas Greene, com aqueles seus olhos dum azul infinito, pôs-se a gesticular para a câmara e a apontar para a sala: “Olhem para os quadros, olhem para a pintura. Lá é que está tudo!”

*Post Scriptum: Courel, santuário apócrifo.*

*Na crónica anterior falei de Courel, uma aldeia acorrentada pelo despotismo de um cacique que por lá faz lei. O homem, pequeno “gaulleiter” da Junta de Freguesia, anuncia agora, “urbi et orbi”, que o saneamento 22selvagem a que procedeu foi abençoado por um milagre da Senhora de Fátima (imagine-se!).*

*Aos de Courel, este oportunismo saloio deve tê-los comovido, não tenho dúvidas. Só que um “milagre” assim tão doméstico não apaga um problema que renega as leis fundamentais do país inteiro; e deste modo, o Ministério terá de processar o exemplo de Courel não como uma querela aldeã, mas como um insulto à escala da dignidade e da cultura de todos nós. ●*